



YOUTUBE E O FASCÍNIO DA IMAGEM NA ESCOLA

Marlon de Campos Mateus¹ (UFPR)
Teresa Kazuko Teruya² (UEM)

Introdução

A sociedade hoje convive com as grandes inovações proporcionadas pelas mídias audiovisuais e, discussões sobre a cultura da mídia ganham cada vez mais relevância na educação, entre professores, alunos e gestores da educação. O presente texto faz uma breve análise do site YouTube e suas possíveis relações com a educação, a sala de aula e o cotidiano docente e discente para então entender sua intervenção na maneira de aprender e conviver participativamente na sociedade real, virtual e escolar. O problema é: qual o procedimento para se utilizar o portal YouTube no espaço escolar? Para responder a essa pergunta, contamos com os estudos de Jean Burgess & Joshua Green; Néstor García Canclini; Jesús Martín-Barbero, Maria da Graça Jacintho Setton e outros autores que pesquisam Mídia e Educação na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação.

As diferentes formas de relacionamento e de interatividade e até mesmo o modo como nos comunicamos, falamos e escrevemos têm interferência da internet. O YouTube é feito coletivamente e modificado por qualquer internauta interessado em compartilhar um vídeo nesse ambiente virtual colaborativo e essa conectividade aproxima virtualmente as pessoas situadas em localidades distantes.

O YouTube e a cultura participativa

O site YouTube foi lançado em junho de 2005, fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. Não era um site exclusivo, apenas mais um serviço que tentava eliminar barreiras técnicas visando um maior e mais eficiente compartilhamento de vídeos na internet. Mas logo permitiu um diferencial: a geração de URLs^a e códigos HTML^b, ou seja, a

^a URL (*Uniform Resource Locator*), Localizador Padrão de Recursos. (por: Wikipédia).

^b HTML (*HyperText Markup Language*), Linguagem de Marcação de Hipertexto. É uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na *web*. (por: Wikipédia).

possibilidade de incorporar facilmente os vídeos postados no YouTube em outros sites e *blogs*. (BURGESS & GREEN, 2009).

Existem várias versões da história do YouTube, porém a maioria delas fala de jovens visionários e do surgimento de um sucesso multibilionário. Os autores do livro “YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade”, Jean Burgess e Joshua Green afirmam que “[...] o momento de sucesso do portal chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube.” (BURGESS E GREEN, 2009, p. 18)

Segundo os autores, em 2008 o site figurava entre os mais visitados do mundo e já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos. Isso permite que não se tenha dúvidas quanto a consolidação e sucesso do portal YouTube. Os vídeos hospedados no portal representam a manifestação da cultura participativa e fascinam os usuários pela quantidade de produções postadas nesse site. Essa possibilidade de as pessoas se conectarem umas com as outras e compartilharem suas próprias produções, criações audiovisuais das mais variadas formas e estilos, também existe para os espaços escolares.

Noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores frente aos meios de comunicação já se contrastam com a expressão “cultura participativa”. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, é possível agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que dificilmente entendemos por completo. (JENKINS, 2009).

Cultura participativa é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e de seus consumidores. (JENKINS, 2006a *apud* BURGESS & GREEN, 2009, p. 28).

Para os autores, o YouTube agora faz parte do cenário da mídia de massa e é uma força a ser levada em consideração no contexto da cultura popular contemporânea. Trata-se de uma empresa de mídia que agrega em um portal *web* uma infinidade de conteúdos, mesmo não sendo a principal produtora destes. O simples fato de observar o conteúdo do site não traz um completo panorama, pois circulam e são interpretados e incorporados em outros sites e *blogs*. Milhares de vídeos podem ser organizados por Mais Vistos, Mais Respondidos, Mais Comentados, Mais adicionados aos Favoritos e, é possível entender que o site incentiva a produção de vídeos amadores quando utiliza o *slogan* “*Broadcast yourself*” (Transmita-se), é um convite a produção caseira, o que configura ainda mais a cultura participativa.

“Compartilhar” nas Redes Sociais

Compartilhar um trabalho produzido é uma tendência nas redes virtuais. As pessoas querem mostrar, socializar, tornar público suas produções para a sociedade. A proliferação das redes sociais inaugura as comunidades virtuais, que se utilizam dessas novas ferramentas com capacidade e velocidade inquestionável de transmissão de dados. O alcance dessas mídias é assustador, pois permitem novas e interessantes formas de compartilhamento *online* em tempo real.

Twitter^c e Facebook^d, por exemplo, possuem um poder imenso de divulgação. Um usuário do Twitter pode sugerir a leitura e postar o *link* de um artigo recém publicado aos seus *followers*, (seguidores), e em segundos, esse *tweet*, que nada mais é do que uma postagem de 140 caracteres, pode alcançar milhares de pessoas. Um vídeo postado no YouTube também pode ser divulgado em todas essas redes sociais que acabam sendo interligadas por “botões”, representados pelas logomarcas dessas redes logo abaixo do vídeo.

Ser internauta aumenta, para milhões de pessoas, a possibilidade de serem leitores e espectadores. As redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo. (CANCLINI, 2008, p. 54).

A comunicação digital proporciona novas formas de interação que antes eram impossíveis. Essas ferramentas de compartilhamento são fantásticas e devem ser exploradas como forma de divulgação. A escola pode abrir um Canal no YouTube e postar vídeos de eventos produzidos pela comunidade escolar, trabalhos dos alunos, apresentações em datas comemorativas, enfim, as possibilidades são imensas nessas mídias de recurso inovador, surpreendente e fascinante. Porém é preciso ter cuidado, tanto com a seleção do vídeo pesquisado nesse site, quanto com as produções que se pretende postar ou compartilhar. É importante ter noção sobre direitos de divulgação da imagem, principalmente em vídeos que aparecem várias pessoas.

O YouTube também é considerado uma rede social, não tão óbvia como o Facebook por exemplo, mas muitos usuários do portal não o utilizam apenas para visualizar vídeos, mas

^c Reúne características de *blog*, rede social e mensageiro instantâneo, suas postagens (*tweets*) são limitadas a 140 caracteres. É um microblog devido à limitação da postagem e *blog* por possuir tratamento temático semelhante aos demais *blogs* de extensão mais ampla, ou seja, expressa a opinião do usuário de diversas formas. (CASTRO & ALEXANDRE, 2010, p. 03).

^d Rede Social criada por Mark Zuckerberg. Centraliza diversas atividades e prende o usuário na sua página. (ARIMA & MORAES, 2011, p. 23 – Revista Info – Fev/2011).

possuem uma conta, efetuam *login* e criam um canal. Os vídeos são o principal elo entre os usuários da rede. Para entender o portal é preciso ir além, criar e consumir conteúdo em vídeo, mas também compreender o modo de funcionamento do YouTube como conjunto de tecnologias e como rede social. (BURGESS & GREEN, 2009).

A atual sociedade digital atrai e cobra a participação de todos no mundo da internet e, o professor também percebe a necessidade de se fazer presente nesse cenário virtual, tanto das redes sociais como dos *blogs* e *chats*. Já é comum a presença dos professores e de seus avatares^o em ambientes virtuais de aprendizagem no caso da educação à distância, e a participação nas redes sociais populares também está se tornando frequente. É importante que o professor opere equipamentos tecnológicos, que saiba utilizar mídias e dispositivos digitais, inclusive em suas aulas, isso gera automaticamente participação no desenvolvimento e na adesão a inovações que permitam um maior envolvimento social, principalmente quando este envolvimento privilegia a educação.

O fascínio da imagem: uma TV multimídia para cada sala de aula

Vários estudos mostram que a linguagem midiática é relevante ao processo de ensino e aprendizagem na educação escolar, como facilitadora e mediadora, por exemplo, no trabalho com um determinado conteúdo escolar, a fim de proporcionar um olhar mais crítico dos alunos e das alunas. (TERUYA, 2009).

Douglas Kellner propõe um *alfabetismo crítico* em relação à mídia com o objetivo de desenvolver competência cognitiva para ler criticamente as imagens. Ele defende uma pedagogia crítica preocupada com a nova cultura saturada de imagens e se apropria de elementos positivos das teorias pós-modernas, especialmente, o posicionamento que rompe com a fronteira entre alta e baixa cultura, ampliando o conceito de cultura. Essas posições pós-modernas atacam o elitismo conservador de educação que glorificam e canonizam grandes obras complexas e os artefatos da alta cultura porque entendem que essa alta cultura tradicional torna-se um instrumento de marginalização e dominação do grupo social pertencente à “baixa cultura” e das minorias étnico-raciais historicamente excluídos. (TERUYA, 2010, p. 11-12).

A autora diz que a diversidade e a identidade cultural são temas atuais para trabalhar nas salas de aula onde se proliferam as diferenças e os conflitos culturais e sociais entre estudantes. É preciso educar para essa diversidade e reconhecer que a cultura é dinâmica e

^o Sugestão de leitura: “O professor e o avatar do professor nas redes sociais”, escrito por Ana Elisa Ribeiro e Paulo J. L. Alvarenga. Artigo disponível nos Anais Eletrônicos do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem – UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), 2010.

híbrida. No ensino básico, as práticas pedagógicas com a utilização de recortes de filmes, documentários, desenhos animados e outros para trabalhar o conteúdo escolar deve acrescentar a valorização da diversidade biológica e cultural, como condição para construir um mundo melhor.

O portal YouTube pode ser um facilitador e mediador desse processo. São milhares de vídeos disponibilizados diariamente que podem ser salvos em diferentes formatos e apresentados em diversos equipamentos diferentes. No entanto, não basta utilizar os vídeos. É preciso formar o alfabetismo crítico e romper com os argumentos elitistas. É preciso aprender a desconstruir os textos culturais, o seu significado e a produção de significado, para compreender como eles interferem e moldam a subjetividade dos/as leitores/as.

É possível observar a facilidade que as crianças possuem ao utilizarem recursos tecnológicos e também sua familiaridade com as mídias. As novas gerações manejam com tranquilidade e naturalidade câmeras digitais sofisticadas, *tablets*^f como o iPad da Apple e outros instrumentos tecnológicos.

A introdução precoce de uma série de instrumentos tecnológicos na vida da “geração @” impõe necessariamente o desenvolvimento de uma diferente sensibilidade técnica dos jovens que nasceram a partir dos anos 1980. A linguagem que se desenvolve nos jogos eletrônicos, a rapidez de manejo do instrumental, a agilidade mental e a capacidade de utilizar ao mesmo tempo o telefone celular, um iPod, e uma conversa no MSN Messenger espantam os mais velhos enquanto soa bastante familiar entre eles. É notável como as noções de tempo e de espaço mudam com a utilização constante dos meios modernos de comunicação. (SETTON, 2010, p.24).

Essa “geração @” que a autora fala está nas escolas de hoje e exige, cada vez mais, novas metodologias e aulas inovadoras. Não é mais possível inovar apenas com um giz e uma lousa comum em um mundo onde as lousas digitais, os *tablets* e os projetores multimídia estão se tornando cada vez mais acessíveis. Na educação pública esse acesso ainda é limitado e as dificuldades são maiores, porém já é possível perceber um grande avanço.

No Estado do Paraná, em 2007, ocorreu a implementação do projeto “TV Multimídia”, destinando equipamentos para todas as salas de aula, somando mais de duas mil escolas da rede estadual de educação com um televisor. O projeto também doou um dispositivo *pen-drive* para cada professor.

^f *Tablet* é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento. Apresenta uma tela *touchscreen* com grande sensibilidade a ponta dos dedos. O mais famoso e comentado no momento é o iPad da marca Apple, porém já existem outras marcas disponíveis em diferentes tamanhos. (por: Wikipédia)

A TV Multimídia ou TV *pen-drive* como é conhecida, possui algumas diferenças de uma TV comum, é de 29 polegadas, de cor laranja e conta com dispositivos capazes de ler arquivos de áudio, vídeo, imagens. O diferencial nesses equipamentos é a entrada para conexões USB e leitor de cartões de memória. Possui entrada para DVD, interface com notebooks e saídas para caixa de som e projetor multimídia. Todos os aparelhos foram criados sob encomenda da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. (JACKIW & DIAS, 2009)

Pode-se dizer que a TV Multimídia destinada às escolas paranaenses, traz para a realidade da escola pública algumas possibilidades de se trabalhar imagens que antes eram consideradas inacessíveis. No entanto, esses equipamentos exigem uma aula bem planejada, para que a utilização de imagens estáticas ou recortes de vídeos proporcionem um avanço na qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Moraes (2010) sugere utilizar as diferentes mídias *online* que disponibilizam documentos, mapas, textos, vídeos educativos na sala de aula e acrescenta que é preciso avaliar, selecionar e produzir hipertextos em multimídias que combinem imagem, som, texto, movimento e animação para facilitar o entendimento do conteúdo escolar.

[...] Esses recursos permitem organizar o ambiente virtual e preparar para serem utilizados na TV Multimídia. Todas as escolas públicas do Estado do Paraná receberam a TV Multimídia, também conhecida como TV Pendrive, que possui entrada para dispositivos de integração entre o computador e a televisão, de forma rápida e prática para reproduzir sons, imagens e vídeos. (MORAES, 2010, p. 20).

As mídias já são realidade no espaço educacional, com isso surgem novas dificuldades nesse cenário que necessitam de uma inserção coerente “nos processos complexos de comunicação da sociedade atual, no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado produzido pelas mídias.” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.59).

As mídias na educação devem ser entendidas como espaços educativos, na medida em que ajudam indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias na produção de uma série de informações e valores, ou seja, auxiliam na formação de opinião sobre as coisas. As gerações atuais precisam também da linguagem midiática, pois a educação contemporânea vive atualmente um conjunto de transformações que acabam interferindo diretamente na forma do aluno ler, participar e de conviver no espaço escolar e na sociedade.

Os professores dessa “geração @” têm novas preocupações e novas inquietações sobre a organização de suas aulas e, principalmente sobre a importância de criar diferenciais que possam atrair seus alunos. É difícil competir com tantas tecnologias disponíveis. Mas quem

disse que é preciso competir? Essas tecnologias são para serem utilizadas e operadas, principalmente a favor do ensino. Vídeos baixados do site YouTube, por exemplo, podem ser salvos em dispositivos *pen-drive* e levados à sala de aula. Essas possibilidades de aprimorar o trabalho do professor e buscar uma utilização positiva da tecnologia estão disponíveis e a serviço da educação.

Considerações

A tarefa de educar na sociedade midiática está ultrapassando as paredes da sala de aula e se tornando ainda mais desafiadora. Consideramos o site YouTube uma grande força da cultura popular contemporânea e um grande aglutinador da mídia de massa da internet com potencial para interferir na cultura participativa e na convivência escolar, onde é visível o fascínio de professores, alunos e gestores da educação.

A possibilidade de utilização de recortes de vídeos com mais facilidade é uma das grandes vantagens do portal. Vídeos aprimoraram as aulas em diversas disciplinas e conteúdos. Alunos e professores podem acessar o site e também utilizá-lo como um fantástico meio de interação, divulgação e compartilhamento de conteúdos.

O YouTube possibilita enviar (*upload*) arquivo para publicação de vídeos produzidos por qualquer pessoa e também permite, não somente o acesso, como a possibilidade de compartilhamento em redes sociais, *blogs* e outros sites e baixar (*download*) arquivos dos mais variados formatos existentes, possibilitando a visualização em diversos equipamentos, mesmo *off-line*.

Mas, como toda rede social, é um espaço virtual público construído e transformado diariamente por qualquer pessoa que se sinta interessada em interagir de alguma forma. Cabe a nós, usuários dessa rede, identificarmos aquilo que realmente é interessante, especialmente para utilização em sala de aula ou na escola.

Assim, o portal YouTube pode ser um local irresistível e fascinante para baixar e enviar conteúdos audiovisuais. No entanto, é importante a seleção e a análise, tanto do conteúdo pesquisado quanto do conteúdo que se pretende postar ou compartilhar nesse super site, que é um magnífico exemplo da cultura participativa virtual e que está disponível para ser amplamente utilizado por alunos e professores e por todos aqueles que pensam e fazem a educação.

6 Referências

ARIMA, Kátia. MORAES, Maurício. O futuro da web está no facebook? **Revisa Info**. São Paulo, Abril, Fevereiro de 2011. p.22-45.

BURGESS, Jean. GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTRO, Bruno Diego de Resende. ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa. São apenas 140 caracteres? Pressões comunicativas e transgressões dos limites do *Twitter*. **Anais Eletrônicos**. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias – UFPE: 2010.

JACKIW, Elizandra. DIAS, Luis Otávio. Tv Multimídia: De uma política educacional a novos desafios didático-pedagógicos nas escolas da rede pública estadual do Paraná. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. PUC-PR. 26-29 out. 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. Tradução: Susana Alexandria. – 2ª ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2001.

MORAES, Denise Rosana da Silva. Tecnologia educacional no contexto escolar: O PDE em ação na escola. **Anais do XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais**, Belo Horizonte, UFMG, 2010. p. 15-25.

RIBEIRO, Ana Elisa. ALVARENGA, Paulo J. L. O professor e o avatar do professor nas redes sociais. **Anais Eletrônicos**. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias – UFPE: 2010.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Mídia na educação e na formação de professores**. Relatório de Pesquisa. Brasília, DF, UnB, 2010.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

¹ **Marlon de Campos Mateus**

Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, pesquisador em Mídia e Tecnologias Educacionais e professor de Língua Portuguesa da Rede Pública de Curitiba – PR. [marlonmcm@gmail.com]

² **Teresa Kazuko Teruya**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2000). Pós-doutora em Educação pela Universidade de Brasília - UnB (2010). Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. [tkteruya@uem.br]